

Bela, recatada e “do lar”: uma análise das relações dialógicas no enunciado da Veja

“Beautiful, modest and housewife”: an analysis of the dialogical relations in Veja’s utterance

Douglas Corrêa da ROSA (Unioeste)
douglascorreadarosa@yahoo.com.br

Tatiana BILHAR (Unioeste)
tatianabilhar@gmail.com

ROSA, Douglas Corrêa da; BILHAR, Tatiana. Bela, recatada e “do lar”: uma análise das relações dialógicas no enunciado da Veja. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 322-342, jan./jun. 2017.

Resumo: Compreender as correlações existentes entre a mídia e a sociedade corresponde a discutir as influências que uma tem sobre a outra. O desafio é lançado, sobretudo, àqueles que se dedicam sobre o estudo do fenômeno da interação humana por meio da linguagem. Assim sendo, o escopo deste texto é discutir as relações dialógicas existentes na reportagem publicada na versão online da Revista Veja, em 18 de abril de 2016, intitulada: *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*, de autoria da jornalista Juliana Linhares. Para tanto, valemo-nos de conceitos teórico-analíticos mobilizados pelo círculo bakhtiniano, os quais nos deram a base para as reflexões aqui propostas. A metodologia deste estudo é qualitativa, de cunho interpretativista, sendo realizada a partir da análise da reportagem mencionada, associada aos conceitos teóricos elegidos. Dessa forma, pretende-se confirmar que tal texto-enunciado dialoga com outros enunciados pré-estabelecidos, assim como influencia na construção e na manutenção de padrões socialmente estipulados.

Palavras-chave: Dialogismo. Padrões sociais. Gênero discursivo reportagem.

Abstract: Understanding the correlations between the media and society corresponds to discussing the influences one has over another. The challenge is addressed, above all, to those who study the phenomenon of human interaction through language. Therefore, the aim of this text is to discuss the dialogical relations that are present in the reportage published in the online version of Revista Veja on April 18th, 2016, entitled: Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”, authored by journalist Juliana Linhares. For this, we use theoretical-analytical concepts mobilized by Bakhtin and his circle, which gave us the basis for the reflections proposed here. The methodology of this study is qualitative and interpretative, based on the analysis of the reportage from Veja, associated to the chosen theoretical concepts, in order to discuss the dialogical relations present in the text. We intend, this way, to confirm that the reportage dialogues with other pre-established discourses, as well as influences to build and maintain socially stipulated standards.

Keywords: Dialogism. Discourses. Discursive genre reporting.

Introdução

Quanto mais avanços tecnológicos surgem, o acesso, a produção e a circulação dos mais diversificados discursos têm se tornado constantes. Como pesquisadores da linguagem, é de nosso interesse compreender os diversos movimentos enunciativos que circulam nos mais diversificados campos da atividade humana.

Um modo de compreensão desse fenômeno da interação humana que nos é caro parte das discussões do Círculo de Bakhtin, grupo de intelectuais russos do início do século XX, que defendia uma concepção de linguagem na qual a interação verbal constitui a realidade existencial da língua. Nessa perspectiva, a língua em sua concretude, tomada como fenômeno vivo, social, que apresenta uma carga ideológica intensa, materializada em textos/discursos/enunciados, apresenta-se como essencialmente dialógica. Dito de outro modo, a linguagem é estudada como palco no qual se travam as interações verbais, sendo elas o modo de ser social dos indivíduos.

O homem é um ser histórico e, dessa forma, ao fazer uso da linguagem, o faz a partir de uma posição de sujeito sócio-historicamente situado. Tudo aquilo que enuncia é feito considerando o contexto, o interlocutor, sua posição social, uma finalidade e encontra-se em relação com os discursos já produzidos na sociedade.

Todo enunciado é, assim, uma resposta a enunciados anteriores e suscitará resposta de enunciados posteriores. O enunciado, portanto, traz em si relações dialógicas, relações de sentido que construímos com o discurso de outrem, para confrontá-lo, confirmá-lo, rejeitá-lo, num eterno diálogo – o que faz com que Bakhtin (2011[1979]) o caracterize como um elo na cadeia da comunicação discursiva.

Os enunciados são, dessa forma, constituídos de uma face verbal e de uma face não verbal que existem em estreita relação. A primeira se ocupa da materialidade linguística. A segunda é determinante da primeira, da situação de produção dos enunciados e do diálogo das vozes sociais neles presentes. Essa parte presumida do enunciado engloba, assim, as relações dialógicas que se estabelecem entre os enunciados/discursos.

Partindo desse contexto, propomos, neste artigo, realizar uma análise das relações dialógicas presentes na reportagem publicada na versão online da Revista Veja, em 18 de abril de 2016, intitulada: *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*, que trata da esposa de quem era, à época, vice-presidente do Brasil, Michel Temer. Nosso objetivo é discutir as relações dialógicas existentes no texto/enunciado da Veja, analisando de que forma esse enunciado se constrói e com que parâmetros sociais compactua.

Para atender a tal propósito, o artigo encontra-se dividido em duas seções: na primeira trazemos um apanhado geral das ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin, atendo-nos mais especificamente ao conceito e características do enunciado e ao dialogismo como seu elemento constitutivo; na segunda, então, apresentamos nossas análises da reportagem selecionada.

As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin

Para o Círculo de Bakhtin, a linguagem é concebida como uma forma de interação, uma vez que o homem se relaciona com os demais e modifica o mundo por meio de seu uso. A língua, por sua vez, deixa de ser vista como um código imutável a ser apreendido pelos falantes e passa a ser compreendida como um fenômeno social, vivo, carregado de ideologias, em uso constante, que se modifica por esse uso. Para o Círculo, “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014[1929], p. 127).

Nessa perspectiva, a língua materializa-se em enunciados, os quais são construídos conforme as condições da situação de interação. Segundo Bakhtin e Volochinov (2014[1929]):

qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014[1929], p. 116).

Em outras palavras, toda a comunicação verbal que produzimos é feita por alguém, para alguém, com algum objetivo e sempre levando em conta o contexto histórico-social em que a interação ocorre. Nossos enunciados, dessa forma, são o produto de uma situação de interação concreta e irrepetível, o que os torna, também, “concretos e únicos” e impossibilita dissociá-los do contexto em que se materializam (BAKHTIN, 2011[1979], p. 261).

A enunciação, conforme os pressupostos do Círculo de Bakhtin, comporta duas faces: uma verbal e outra extraverbal. A primeira diz respeito aos recursos linguísticos utilizados na composição do enunciado. A segunda, ao contexto da enunciação e sem o qual não é possível significá-la.

Essa parte extraverbal ou, conforme Volochinov (2013), subentendida do enunciado, abrange três aspectos que determinam sua composição verbal: “o espaço e o tempo em que ocorre a enunciação – o ‘onde’ e o ‘quando’; o objeto ou tema de que trata a enunciação – ‘aquilo de que’ se fala; e a atitude dos falantes face ao que ocorre – a ‘valoração’” (VOLOCHINOV, 2013, p. 172).

Para compreendermos a parte verbal de um enunciado, portanto, não podemos descolá-lo de seu contexto de produção. É preciso que haja um “horizonte espacial comum dos interlocutores [...]” e “o conhecimento e a compreensão comum da situação [...]” (VOLOCHINOV e BAKHTIN, 1926, p. 7). Posto de outro modo, que conheçamos o momento sócio-histórico em que ocorreu a enunciação e qual seu tema, uma vez que “é precisamente a diferença das situações que determina a diferença dos sentidos de uma mesma expressão verbal” (VOLOCHINOV, 2013, p. 172).

Além disso, é necessário considerar que a língua não é neutra. Ao contrário, quando em uso, ela se materializa em discursos/enunciados que são carregados de ideologia. Aquilo que pronunciamos ou ouvimos sempre tem uma intenção e expressa uma posição valorativa, um julgamento de valor sobre algo. O que enunciamos não são palavras, mas “verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais [...]”, isso porque “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014[1929], p. 98-99).

Logo, nossa enunciação “não reflete passivamente a situação” (VOLOCHINOV, 2013, p. 172-173), ela expressa uma análise desta situação, nosso posicionamento axiológico sobre ela. E essa “relação

valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 289).

O contexto de produção, o extraverbal, assim, determina o verbal e também o gênero no qual conformamos nossos discursos. Os gêneros discursivos são, segundo Bakhtin (2011[1979]), tipos relativamente estáveis de enunciados que possuem conteúdo temático, estilo e construção composicional semelhantes, de acordo com o campo de atividade humana que os produz. Tudo que fazemos linguisticamente se molda em um ou outro gênero e a sua escolha está diretamente relacionada com a situação de interação e o contexto sócio-histórico em que ela se desenvolve.

Dessa forma, o contexto de produção, que inclui o tema, o tempo e o local da enunciação, bem como a intenção do enunciador e sua atitude valorativa sobre o objeto do discurso, é que determina a parte verbal da enunciação.

Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Conseqüentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida (VOLOCHINOV e BAKHTIN, 1926, p. 8).

A significação de um enunciado, portanto, depende diretamente de sua face não verbal, subentendida ou presumida – do conhecimento comum do tema, contexto e da valoração social da situação pelos interlocutores –, uma vez que verbal e extraverbal estão imbricados em sua composição.

Ainda, da mesma forma que a enunciação não reflete passivamente uma situação, sua compreensão também não é passiva. O enunciado, conforme Bakhtin (2011[1979]), tem como peculiaridade constitutiva o fato de que apresenta uma conclusibilidade que permite respondê-lo, ocupar em relação a ele uma atitude responsiva ativa. Ou seja, estabelecemos um diálogo com tal discurso, e com outros sobre o mesmo objeto, para, a partir disso, formular um juízo de valor sobre ele, dar-lhe uma resposta.

Todo enunciado, desse modo, revela uma posição ideológica e é uma resposta a enunciados/discursos anteriores que suscitará outras respostas, outros enunciados sobre si. Nossos discursos/enunciados se relacionam com outros discursos/enunciados, tanto anteriores quanto

posteriores, num diálogo infinito da cadeia de comunicação verbal. Entre os enunciados e entre partes de um mesmo enunciado, portanto, sempre há relações dialógicas, sendo o dialogismo sua característica constitutiva. Isso porque

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso de um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá o nome pela primeira vez (BAKHTIN 2011[1979], p. 299-300).

Sempre que definimos uma posição sobre um tema, automaticamente a estamos relacionando com outras posições, de tal forma que Bakhtin (2011[1979]) caracteriza o enunciado como um elo na cadeia da comunicação discursiva: ele responde a enunciados anteriores e será respondido por enunciados posteriores, num diálogo infinito.

O dialogismo apresentado pelo Círculo de Bakhtin, conforme Fiorin (2016), diz respeito às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados. O autor explica que todo enunciado se constitui a partir de outro, sendo-lhe uma réplica. Logo,

[...] nele ouvem-se sempre, pelo menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, elas aí estão presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exhibe seu direito e seu avesso (FIORIN, 2016, p. 27).

Um enunciado, portanto, sempre mantém relações dialógicas com outros enunciados, compondo-se de diferentes vozes sociais. Todo enunciado, dessa forma, é heterogêneo, uma vez que expressa uma valoração sobre seu objeto de discurso e o faz em oposição a outros posicionamentos possíveis sobre o mesmo objeto.

Por exemplo, quando se afirma *Negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual*, esse enunciado só faz sentido porque ele se constitui em contraposição a um enunciado racista, que preconiza a superioridade intelectual dos brancos em relação a outras raças. Essa declaração deixa ver seu direito, a afirmação de igualdade intelectual de brancos e negros, e seu avesso, a asseveração da superioridade intelectual dos brancos. Numa sociedade em que não houvesse racismo, não faria sentido, por ser absolutamente desnecessária, a postulação de igualdade intelectual mencionada (FIORIN, 2016, p. 27-28, grifos do autor).

O dialogismo, como é possível inferir, não expressa necessariamente uma concordância, um consenso com os demais discursos ou vozes sociais sobre o objeto. Na verdade, ele expressa relações de sentido nas quais um enunciado pode negar, refutar, contradizer, completar, concordar, discordar de outros enunciados, mas sempre estará em relação a eles, será uma resposta a eles. O dialogismo é, dessa forma, constitutivo do enunciado.

Também, as relações dialógicas podem ser marcadas no fio do discurso – por discurso direto, indireto, aspas – ou não. Um enunciado, como no exemplo de Fiorin (2016), pode estar em diálogo com outros sem que as vozes de outrem estejam marcadas em si. Assim, no enunciado *Negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual* temos um discurso de igualdade que existe em oposição a um discurso racista, mas não há uma fala alheia marcada no fio do discurso. Trata-se de diferentes posições axiológicas compartilhadas em nossa sociedade, diferentes vozes sociais sobre o tema e, portanto, reconhecíveis no enunciado, embora não haja uma marcação linguística sobre elas.

O discurso, desse modo, conforme os pressupostos do Círculo de Bakhtin, é um discurso bivocal, há duas vozes sociais presentes nele, embora não marcadas em seu fio; e o enunciado, um espaço de tensão entre tais vozes. De acordo com Fiorin (2016):

se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição” (FIORIN, 2016, p. 28).

Analisar um enunciado, então, em consonância com os pressupostos do Círculo, significa voltar-se não só para sua face verbal, expressa em palavras, mas, principalmente, analisar os discursos, as vozes sociais em relação no enunciado, seu extraverbal.

Diante disso, em nossa próxima seção apresentamos uma análise das relações dialógicas presentes em uma reportagem publicada na versão online da Revista Veja.

As relações dialógicas na reportagem da Veja

O enunciado que nos propomos a analisar se moldou no gênero reportagem, foi publicado em 18 de abril de 2016 pela versão online da Revista Veja e intitula-se *Marcela Temer: bela, recata e “do lar”*.

Quadro 1: A reportagem da Veja

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por **Juliana Linhares**

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como

receptionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular.

Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”.

Michel Temer é um homem de sorte.

Fonte: Revista Veja Online, 18 abr. 2016

O contexto de produção do enunciado é o conturbado cenário político do Brasil à época. A matéria da *Veja* foi publicada um dia após a então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, ser afastada do cargo por votação do Congresso, e Michel Temer, seu vice, assumir como presidente interino até que o processo de *impeachment* fosse finalizado. Diante do ocorrido, a Revista, entre vários assuntos possíveis, optou por fazer uma reportagem sobre a esposa do político, traçando o perfil de Marcela Temer.

A matéria, assinada pela jornalista Juliana Linhares, destaca Marcela Temer, ressaltando algumas de suas características que considera elogiosas e constrói um discurso sobre a mulher e sua posição/função na sociedade. O conteúdo temático desse enunciado diz respeito, portanto, ao papel social da mulher.

As relações com outros enunciados são observadas desde o título. A adjetivação dada a Marcela Temer, “bela, recatada e ‘do lar’”, foi construída a partir de outras vozes sociais. Cada uma dessas palavras utilizadas para descrever Marcela no título vem carregada de ideologia e dialoga com uma série de outros discursos para fixar a posição axiológica da Revista, o que é reforçado por exemplos e argumentos apresentados ao longo da reportagem. Além disso, o texto-enunciado inicia com a afirmação “Marcela Temer é uma mulher de sorte” e finaliza com “Michel Temer é um homem de sorte”, o que nos instigou a analisar mais detidamente porque ambos são tão afortunados e em relação a quais discursos os enunciados foram construídos.

Assim, optamos por dividir nossa análise em quatro subseções: nas três primeiras, discorreremos individualmente sobre cada uma das características atribuídas à Marcela – bela, recatada e “do lar” –, analisando as relações dialógicas presentes e o posicionamento axiológico da *Veja* sobre o papel social feminino; na quarta, analisamos a partir de quais discursos o enunciado constrói a noção de sorte de Marcela e de Michel Temer. Ressaltamos que, embora a reportagem conte com foto, não a reproduziremos nem a analisaremos neste artigo, uma vez que nossa opção é focar apenas na linguagem verbal do enunciado.

Recatada

A ideia de “recato” como qualidade feminina faz parte de um discurso que pretende determinar o comportamento das mulheres e que sofreu influência direta do discurso religioso, especialmente o difundido

no Ocidente cristão. Segundo esse discurso, expresso verbalmente na Bíblia, a mulher é inferior ao homem por dois motivos: ela nasceu da costela de Adão e, por isso, lhe deve obediência; ela foi responsável pelo pecado original, causando a ruína do homem, sua decadência moral e, por consequência, sua queda do Paraíso.

Às mulheres, dessa forma, conforme explica Vainfas (1992), passou a ser atribuída a responsabilidade pelo desejo sexual do homem, sendo também sua culpa a incapacidade masculina de praticar a continência pregada pela Igreja Católica desde a Idade Média. A imagem da mulher tornou-se “[...] diabolizada, carnal, que devia ser execrada de espírito. A única imagem que reabilitava a mulher era [...] a da virgem, a da mulher sem sexo” (VAINFAS, 1992, p. 16).

O único sexo permitido às mulheres era aquele realizado dentro do casamento, já alçado à categoria de sacramento pela Igreja, com o objetivo de procriação. Assim, cabia à figura feminina o papel de guardar-se, manter-se recatada, como prova de seu bom caráter. As mulheres deviam se manter virgens até o casamento, reservadas em seus lares, guardadas por seus pais. Deviam, ainda, vestir-se com modéstia e manter um comportamento comedido a fim de se mostrarem puras e não despertarem a lascívia masculina. Primeiro, seu objetivo era o casamento. Depois, seu ideal de vida passava a ser o de cuidar do marido e gerar filhos. São Paulo, na Primeira Epístola a Timóteo, assim discorre sobre o comportamento feminino:

[...] que as mulheres usem roupas decentes; enfeitem-se com recato e modéstia [...]. A mulher ouça a instrução em silêncio e com espírito de submissão. Não permito que a mulher ensine ou exerça autoridade sobre o marido, mas permaneça em silêncio. Pois o primeiro a ser criado foi Adão, depois Eva. E não foi Adão que se deixou iludir, mas a mulher que, enganada, caiu em pecado. Contudo, ela poderá salvar-se pela geração e cuidado dos filhos, desde que persevere com modéstia na fé, no amor e na santidade. (BÍBLIA, PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO, 2, 9-15).

Tal discurso perpetuou-se historicamente em nossa sociedade. No Brasil, país colonizado pela fé católica, essa voz social que julga o caráter feminino sempre em relação a sua sexualidade é muito presente. Por esse discurso, o ideal de “mulher para casar”, termo corriqueiramente utilizado na sociedade, é aquela que se veste e se comporta de forma discreta, comedida, com pudor.

O enunciado da Veja, assim, fixa uma posição coerente com o discurso de submissão feminina. O recato da “quase primeira-dama”

é destacado no enunciado em trechos como “aparece pouco”, “quase sempre na companhia da mãe”, e atestado por fontes que buscam legitimar o discurso da reportagem: segundo a irmã, “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, e, de acordo com a estilista Martha Medeiros, “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras” (LINHARES, 2016, s/p).

Também, o final do primeiro parágrafo frisa que “Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado” (LINHARES, 2016, s/p). Marcela, portanto, casou-se jovem e virgem, o que fica subentendido pelo fato de ser uma mulher recatada que casou com o primeiro namorado. Ressaltar a virgindade da esposa de Temer, nesse caso, constrói uma imagem de Marcela como uma mulher pura e ingênua.

Da mesma forma, como todo enunciado é heterogêneo, apresentando seu direito e seu avesso, podemos inferir que a construção do discurso da reportagem se dá em oposição a outros discursos. Nesse caso, entrevemos a oposição ao discurso feminista, construído ao longo do século XX, que pretende a igualdade jurídica e social entre homens e mulheres, segundo o qual a mulher não deve ser julgada por sua conduta sexual, suas roupas e seu comportamento, e no qual as virtudes femininas não advêm do fato de a mulher ser recatada ou não.

Precisamos, ainda, considerar a situação social de produção da reportagem. À época, com a possibilidade da saída definitiva de Dilma da presidência, já que o processo de impeachment fora implantado, Michel Temer tinha uma possibilidade real de se tornar Chefe de Estado e de Governo no Brasil. Ele já havia assumido a presidência interina. Assim, tendo em vista a extensa rejeição que Dilma enfrentava no momento, era preciso desvincular sua imagem da de Temer. A Revista Veja, conforme pontuam Porcella e Mortari (2016), é abertamente alinhada a interesses de direita e mostrou-se, por meio de suas reportagens e editoriais, a favor do *impeachment*. Logo, a construção do perfil de Marcela Temer também se fez em oposição ao que Dilma Rousseff representava.

A atual ex-presidenta foi a primeira mulher a ocupar o cargo máximo do poder legislativo no país. A figura de Dilma, dada a posição que ocupava, representava exatamente o contrário do que preconiza o discurso misógino: ela tomava decisões que diziam respeito a todo um país, era independente, não se mantinha à sombra de homens nem restrita ao ambiente doméstico, simbolizava a possível conquista de direitos iguais. Assim, identificar Marcela Temer como recatada

é, também, uma forma de se mostrar contra os discursos que Dilma representava e reforçava.

Nesse sentido, destacamos, ainda, o sonho de Marcela Temer apresentado no enunciado: “ter mais um filho com o vice”, “quer ter uma menininha” (LINHARES, 2016, s/p). Sonho, aqui, diz respeito a um ideal que se busca com paixão, a um desejo vivo e intenso de algo. No caso de Marcela Temer, seu sonho é gerar mais um filho do esposo, isso porque “na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo” (ARAÚJO, 2007, p. 52). Assim, esse trecho do enunciado estabelece, novamente, relações de consenso com um discurso que define o papel social feminino como mãe e esposa recatada, devotada à família e refuta discursos segundo os quais uma mulher pode ter outros sonhos, não tendo na maternidade o seu ápice.

O perfil de Marcela Temer como “recatada”, desse modo, contraria a ideia de igualdade entre homens e mulheres e retoma um discurso que se tornou tão popular em nosso país: “Por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”, uma vez que a posição ocupada por ela é à sombra de Temer, dando-lhe suporte e sendo-lhe submissa, mas nunca se sobressaindo a ele.

“Do lar”

Ao termo “recatada”, o título acrescenta “do lar”. A expressão é utilizada para se referir à mulher que não exerce atividade remunerada, ocupando-se das atividades de seu lar, com dedicação exclusiva à família. O enunciado ressalta essa característica de Marcela Temer como algo positivo em sua conduta, o que é reforçado ao longo do restante do texto. Dessa forma, “do lar” traz uma carga ideológica semelhante à de “recatada”: valoriza a ideia de uma mulher que se recolhe ao lar, dedicando-se exclusivamente ao marido e filhos, tal qual preconizado pelos discursos misóginos, machistas e religiosos que já apresentamos.

Historicamente, em nossa sociedade, as mulheres eram treinadas e educadas para permanecerem no lar. Como nota Araújo (2007), elas eram criadas para se tornarem boas esposas, versadas nos afazeres domésticos, treinadas para a submissão e tinham a sexualidade adestrada para jamais expressarem desejo ou lascívia. Eram, portanto, recatadas e “do lar”.

A possibilidade de uma mulher trabalhar fora de casa foi, por muito tempo, condenada não só moralmente, mas juridicamente em nossa sociedade. O Código Civil de 1916, por exemplo, como esclarece Dias (2010), determinava que, ao casar, a mulher perdia sua capacidade jurídica plena, passando a ser relativamente capaz, submetida ao marido, além de não poder trabalhar sem a autorização do cônjuge. Tal proibição só foi revertida em 1962, com a lei 6.121, conhecida como Estatuto da Mulher Casada. E a igualdade jurídica de direitos só veio com a Constituição Federal de 1988.

O discurso de que a função da mulher é cuidar da casa e dos filhos e zelar pelo casamento, contudo, manteve-se como uma voz presente em nossa sociedade e é recuperado pelo enunciado da Veja. Marcela Temer é formada em Direito, mas nunca exerceu a profissão, “é uma vice-primeira-dama do lar” cujos dias consistem em “levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)” (LINHARES, 2016, s/p). A esposa de Temer, na construção do enunciado, é apresentada como o ideal feminino do discurso machista: é estudada, mas não trabalha fora; mantém-se no ambiente doméstico com todos os dotes voltados aos cuidados do lar e do filho; e, ainda, preocupa-se com a aparência, não em demasia, mas cuida-se **um pouco**, de modo a atender determinado padrão de beleza divulgado socialmente, como exposto na próxima subseção.

Novamente se, por um lado, o enunciado reforça um discurso machista de submissão feminina, também se constrói em oposição a outros discursos segundo os quais as tarefas domésticas devem ser igualmente distribuídas entre homens e mulheres, a função social das mulheres não é a de “dona de casa”, as mulheres podem trabalhar fora e devem ter direitos iguais aos homens etc.

Bela

O título ainda traz o adjetivo “Bela”. Ao elencar a beleza como uma qualidade da esposa de Michel Temer, o enunciado está em consonância com outros presentes em nossa sociedade que valorizam a aparência como atributo desejável de uma mulher, e principalmente de uma esposa, e contrapõe-se ao discurso de que a essência é mais importante.

Ainda, a ideia de uma esposa bela relaciona-se com o discurso de que, para manter o interesse sexual masculino, a mulher precisa seguir determinado padrão estético. Conforme Wolf (1992):

a “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro”, ela se constitui numa moeda segundo a qual se atribui valor às mulheres com base num padrão físico imposto culturalmente e “no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino (WOLF, 1992, p. 15).

Exaltar a beleza como qualidade de uma esposa, portanto, reforça a existência de um padrão estético a ser seguido para que a mulher seja sexualmente desejável ao homem, de modo que ele a queira ao seu lado e tenha orgulho de exibi-la aos demais. Marcela Temer é bela, é magra, ela tem a pele e os cabelos bem cuidados – o que se evidencia no enunciado quando suas idas ao cabelereiro e à dermatologista são destacadas. Ela, dessa forma, demonstra ter apreço por si mesma, cuidando-se com regularidade. O enunciado nesse caso, além de ressaltar a boa condição financeira de que goza Marcela pelo casamento, dialoga com discursos que preconizam que a mulher deve se manter vigilante sobre sua aparência para manter-se objeto do desejo masculino e traça uma relação de oposição aos discursos que propõem a aceitação do corpo fora dos padrões sociais, da valorização da beleza interior etc.

336

Além disso, é digno de nota que Marcela Temer participou de concursos de beleza¹ em sua juventude. Disputou o Miss Paulínea, em 2002, quando ficou em segundo lugar. Depois, concorreu ao Miss Campinas, obtendo a vitória, classificando-se entre as 32 modelos que disputaram o Miss São Paulo. Nesse concurso, foi vice-campeã. Finalizou sua carreira de modelo após conhecer Michel Temer. O fato de Marcela estar ligada ao mundo dos concursos reforça o seu interesse num padrão de beleza imposto pela sociedade. Os próprios concursos têm regras e políticas que deixam claro que o valor de uma mulher está fortemente ligado à sua sexualidade e à sua habilidade de se encaixar em um modelo bem estreito de feminilidade, modelo esse que Marcela ainda mantém, talvez para agradar ao esposo, ou à sociedade, ou, ainda, a si mesma.

A reportagem também aponta as idades de Michel e Marcela Temer, 75 e 32 anos respectivamente, mas não tece qualquer comentário sobre a diferença etária do casal, tratando-a como algo corriqueiro em nossa sociedade. Hoje, relacionamentos com diferença significativa de idade entre os parceiros suscitam, normalmente, discursos sobre o interesse financeiro do mais jovem e o interesse sexual do mais

¹ Informações disponíveis em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/ex-modelo-e-miss-mulher-de-temer-atrai-olhares-durante-posse,eea897730cbda310VgnCLD200000bbccceboaRCRD.html>. Acesso: 18/01/2017.

velho. Há, no entanto, uma aceitação maior se a pessoa mais jovem do relacionamento for a mulher. Isso porque, historicamente, era comum que as meninas casassem bastante cedo e com homens mais velhos. Conforme Araújo (2007), no século XIX, no Brasil, “meninas de 12 anos completos podiam contrair matrimônio” (ARAÚJO, 2007, p. 49), algumas até antes disso, pois os pais temiam pela virtude das filhas e queriam garantir que casassem virgens. Casar com homens mais velhos, assim, era uma quase uma regra numa época em que predominava o discurso da submissão feminina.

Dessa forma, a opção por não comentar, ao longo da reportagem, a diferença de idade entre Marcela e Michel Temer é uma estratégia para naturalizar a situação, pois não há o que comentar já que não se trata de um problema.

Uma breve indicação sobre os 43 anos que os separam pelo nascimento aparece apenas no subtítulo do enunciado: “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice” (LINHARES, 2016, s/p). Essa nota, entretanto, parece mais reforçar o adjetivo “Bela”, com o qual Marcela Temer é caracterizada no título. A beleza, em nossa sociedade, é um atributo associado à juventude. O fato de Marcela ser mais jovem que o marido, desse modo, a torna mais bela e, por consequência, desejável.

Assim, o enunciado, que caracteriza Marcela Temer como “Bela, recatada e ‘do lar’”, dialoga com discursos que apontam para a inferioridade da mulher em relação ao homem, tendo que seguir padrões estéticos e de comportamento historicamente construídos para manter a mulher sob o domínio masculino.

A sorte de Marcela e Michel

Ainda, no primeiro parágrafo da reportagem, a autora afirma que Marcela Temer é uma mulher de sorte. E, em seguida, apresenta argumentos para tal:

Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos

que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente (LINHARES, 2016, s/p).

Marcela, portanto, é uma mulher de sorte porque seu marido, mesmo após uma década de casamento, continua apaixonado por ela. Esse trecho da reportagem dialoga com o discurso de que, a longo prazo, a paixão masculina pela esposa tende a diminuir e o marido perde o interesse sexual pela mulher. No caso de Marcela Temer, contudo, isso não ocorreu e o fato faz dela uma mulher afortunada. Trata-se de um argumento que compactua com o discurso machista, segundo o qual só a vontade masculina importa: o texto-enunciado não menciona nada sobre Marcela também continuar apaixonada por Michel Temer; ele toma por premissa que isso seja um fato. Isso ocorre porque o enunciado está em consonância com discursos nos quais a sexualidade feminina não é considerada e não há possibilidade de uma mulher querer para sua vida algo diferente do marido e do casamento.

338

Ainda, ela é uma mulher de sorte, pois seu esposo a leva para jantares românticos em restaurantes caros. Em outras palavras, ele é rico, capaz de lhe oferecer uma excelente condição financeira; influente, com a possibilidade de fechar, para a privacidade do casal, restaurantes caros e badalados na maior cidade do país; e importante, tanto que precisa de quatro homens para garantir sua segurança. O argumento utilizado no enunciado, assim, reforça o discurso de que ao homem cabe ser um bom provedor do lar. Também, reforça o discurso histórico de que um casamento com um homem que goza de melhor condição financeira e influência social é um casamento melhor do que os demais.

Marcela, assim, é uma mulher de sorte porque seu esposo lhe deseja e tem a capacidade de prover e proteger família. Michel Temer, pela construção do enunciado, seria um bom marido, capaz de cancelar as férias em família para evitar dissabores à esposa em decorrência de seus problemas políticos/profissionais.

Aliás, conforme o enunciado, Marcela e a vida profissional de Temer constituem duas realidades distintas na vida do político, e, embora ela seja “o braço digital do vice”, observando o que repercute nas redes sociais para auxiliá-lo, Marcela faz parte de um “outro mundo”, no qual Temer se refugia para descansar da política:

Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular (LINHARES, 2016, s/p).

A voz de outrem é, aqui, marcada pelas aspas, para indicar como os “amigos do vice” caracterizam sua conduta ao fim de dias cansativos de trabalho. A imagem construída pelo trecho remete a condutas típicas do século XIX e início do século XX: o homem que fuma charutos e bebe para relaxar ao fim do dia e encontra na mulher, a qual não se mistura com os negócios do marido, salvo para algum auxílio com reuniões sociais, seu refúgio. O mundo da esposa, marcado no enunciado como “um outro mundo”, é diferente do mundo político em que Temer está inserido. Marcela se atém a cuidar do filho e a dar conforto ao esposo quando ele lhe telefona no final do dia, possibilitando-lhe relaxar das preocupações diárias. Mais uma vez, a construção do enunciado compactua com os valores sociais que entendem que a função da mulher é ser uma “rainha do lar”.

Michel Temer, assim, é um homem de sorte, pois encontra em Marcela o ideal de esposa, segundo discursos machistas: uma mulher bela e culta, mas recatada e devotada à família, cujo sonho é gerar mais um filho.

Mas, mais do que isso, Michel Temer, no enunciado, é caracterizado como um homem de sorte porque Marcela lhe satisfaz sexualmente. A voz do “vice” é marcada no enunciado com a transcrição de um poema de sua autoria:

De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes
/ Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta
de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas /
Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente
/ Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir (TEMER
apud LINHARES, 2016, s/p).

O poema retrata, por meio de metáforas, o desejo e o gozo sexual do eu-lírico e é utilizado, no enunciado, como forma de mostrar que, nesse aspecto, Temer é um homem realizado com a esposa Marcela.

Em outras palavras, o enunciado constrói a imagem de Marcela Temer como uma mulher feliz porque o marido ainda a deseja e preocupa-se com a família, dando-lhe conforto e carinho. Já Temer é um homem de sorte porque sua esposa não tem aspirações que se sobressaiam as dele: ela é recatada, conservando-se uma “vice-primeira-dama do

lar”, que sonha em ter mais filhos. Mas é também bela, e capaz de satisfazer-lhe sexualmente.

Há, assim, uma grande diferença entre o que torna um e outro afortunados. O enunciado da Veja, dessa forma, compactua com valores sociais que eram muito comuns no século XIX e segundo os quais:

um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível (D’INCAO, 2007, p. 223).

Logo, o enunciado se constrói atualizando discursos machistas sobre a condição feminina e refutando enunciados que apontam para a igualdade entre homens e mulheres.

Considerações finais

Nosso escopo neste texto foi discutir as relações dialógicas existentes na reportagem intitulada: *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*, publicada na versão *on-line* da Revista Veja em 18 de abril de 2016, analisando de que forma esse enunciado se constrói e com que parâmetros sociais compactua.

Observamos, dessa forma, que o enunciado constrói uma imagem de Marcela Temer que dialoga com discursos diversos sobre o papel social feminino. A posição axiológica desse discurso, contudo, se alinha a um discurso machista historicamente constituído pela influência de outros discursos, tais como o religioso, e refuta a ideia de igualdade entre homens e mulheres.

Marcela Temer é apresentada como uma mulher recatada, de comportamento comedido, que gosta de aparecer pouco, tem na maternidade seu ideal de vida e dedica-se exclusivamente à família. Ela é uma mulher de sorte porque ainda mantém a paixão do marido, e se configura num refúgio para que ele relaxe das preocupações do dia a dia, além de fazê-lo um homem de sorte por o satisfazer sexualmente. A reportagem da Veja, desse modo, ressalta como positivas características femininas que compactuam com o discurso da submissão aos homens.

Voltando-nos mais especificamente à situação de produção do enunciado – seu *onde* e *quando*, podemos inferir que Marcela Temer é apresentada como o exato oposto da ex-presidente Dilma Rousseff, de quem a Revista parece buscar dissociar a imagem de Michel Temer.

Marcela é jovem, bonita, casada com um homem influente e mantida sob sua proteção, estudada, devotada ao lar, um ideal imaginário de esposa que ainda se faz muito presente em nossa sociedade. Em outras palavras, trata-se de esclarecer para os leitores, que os valores que a família Temer defende e nos quais se constitui são diametralmente opostos àqueles reforçados por Dilma Rousseff.

Referências

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 45-77.

BAKHTIN, M.(1979). **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____; VOLOCHINOV.(1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BÍBLIA, N. T. Primeira Epístola a Timóteo. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de Mateus Hoepers. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2012. p. 1398-1401.

DIAS, M. B. **A mulher no código civil**. 2010. Disponível em: <[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_726\)18__a_mulher_no_codigo_civil.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_726)18__a_mulher_no_codigo_civil.pdf)>. Acesso em 06 jan. 2017.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 223-240.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, 18 abr. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em 20 abr. 2016.

PORCELLA, I. M.; MORTARI, E. C. R. Discurso antecipado: as capas da Revista Veja nas vésperas das eleições presidenciais de 2010 e 2014. **Anais**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região sul. Curitiba, PR, 26-28, de maio de 2016.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

VOLOCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2013.

_____; BAKHTIN, Mikhail. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre a poética sociológica). Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão

Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Recebido em: 13 de fev. de 2017.

Aceito em: 24 de ago. de 2017.